

Os filhos e “afilhados” de São Francisco de Assis: a construção da identidade religiosa e do parentesco da família franciscana

*Antônio Pimentel Pontes Filho*¹

RESUMO: O presente trabalho retoma uma antiga reflexão feita por mim, a respeito da noção de identidade religiosa. Reflito a partir da etnografia feita por mim dos franciscanos pertencentes a três dos diferentes ramos “legítimos” e contrasto esta família religiosa com dados que coletei, desde então, em outras famílias religiosas e no geral da Igreja Católica Romana. Busco com isto compreender e apresentar um quadro das identidades construídas que possibilite não só visualização da família franciscana, tomada como exemplo, como modelo do estudo, mas que outras famílias religiosas e não religiosas possam ser assim também vistas. Com isto, creio, ampliar a compreensão do campo religioso, chamando a atenção para a especificidade de tais famílias, congregações, ordens religiosas e espiritualidades, geradas pelas pessoas que as compõem e que nelas vivem em contraste com todos nós que lhes somos externos. **PALAVRAS-CHAVE:** Identidade cultural; franciscanos; vida religiosa.

ABSTRACT: The present work retakes one of my own old reflections, regarding the notion of religious identity. I start reflecting from the ethnography of franciscan sisters, who belong to the three different “legitimate” branches, and contrast this religious family with data that I collected, since then, in other religious families and in the Catholic Roman Church in general. The purpose is a better understanding and the presentation of a picture of constructed identities that not only make possible the visualization of the franciscan family taken for example, as a model of the study, thus taking into account other religious and not religious families. With this, I believe, to extend the understanding of the religious field, calling the attention for the specificity of such families, congregations, orders and spiritualities, generated for the people who compose them and with them they live, in contrast with all of us whom we are external. **KEY WORDS:** Cultural identity; franciscan sisters; religious life.

ABERTURA

Este trabalho baseia-se nas minhas reflexões atuais que, porém, têm seu início em uma pesquisa que realizei em 1999, junto aos freis franciscanos OFM Capuchinho e OFM Observantes, e aos leigos franciscanos da OFS, cujas ordens têm presença em Florianópolis (SC). Nesta pesquisa inaugural refletia, como hoje ainda continuo a fazer, a respeito da vida religiosa em seus aspectos de organização social e identidade, em especial aquelas modalidades experimentandas na forma conventual e/ou monástica, tentando construir a etnografia de cada um dos grupos com os quais desde então tive a oportunidade de estar.

Para poder falar das pessoas: leigos, religiosos e sacerdotes que na atualidade vivem do legado de São Francisco de Assis², é bom eu começar pelas origens históricas dessa herança e do desenrolar da experiência franciscana em seus encontros e desencontros internos até os nossos dias. Assim, na primeira parte do texto começo falando um pouco dele e seu entorno: seus companheiros, sua época, a Igreja católica de então. Em seguida passo pela consolidação, divisão e reorganização da ordem que fundou, de forma pontual, sinalizando alguns momentos desta história. Na segunda parte discuto a noção de família franciscana que se encontra espalhada por todo o mundo, lá em Florianópolis onde a encontrei os meus estudos pela primeira vez, como em Toledo e na Diocese de Toledo, onde os encontro hoje no presente, nomeando capelas, paróquias/igrejas, estabelecimentos³, ou por intermédio da presença de e pelos encontros com alguns de seus filhos e “afilhados” representados pelos membros da Ordem dos Frades Menores Missionários, do Instituto das Irmãs Terciárias Franciscanas de Beata Angelina, e da Congregação das Irmãs Franciscanas de Penitência e Caridade Cristã.

Então começando, Francisco de Assis (1182 - 1226) nasceu na cidade de Assis, que fica no nordeste da Itália. Segundo seus diversos biógrafos, foi filho de um rico comerciante, mas a família não pertencia à nobreza. Na sua época as cidades da península italiana estavam em disputa constante umas com as outras, em busca da supremacia política uma vez que não tinham unidade política entre si, e Assis não era uma exceção nessa busca.

No decorrer dos séculos XII, XIII e XIV, a Igreja passava por momentos de renovações, reformas e heresias dentro de seus quadros, bem como surgiram novas ordens religiosas, como por exemplo a Ordem Cisterciense⁴, a Ordem dos Servos de Maria⁵, etc. Foi um período de personagens polêmicos como São Bernardo de Clairvaux, Joaquim de Fiore, B. Duns Scotus, William de Ockham⁶. Como diz Jean-Pie Lapierre (in

Regras dos Monges/..., 1993: II): “O fim do século XII e, particularmente, o século XIII presenciam o fim da hegemonia beneditina...”, apontando para questões da vida religiosa.

Francisco de Assis iniciou seu caminho religioso por meio de uma visão mística, em 1205, na qual recebeu uma mensagem divina na igreja de São Damião⁷ vinda do grande crucifixo que estava sobre o altar. Passado um tempo ele começou a restauração dessa igreja, já que entendera muito ao pé-da-letra o pedido que ouvira de “restaurar a Igreja”. Já sendo um pregador ambulante e vivendo como mendigo começa a fazer adeptos e ter companheiros de vida. Em 1209, com o crescente aumento de seus seguidores, vai a Roma e recebe autorização do papa Inocêncio III⁸ para formarem e serem uma ordem religiosa católica oficialmente. Ele a denomina de Ordem dos Frades Menores⁹.

A ordem segunda franciscana, isto é, o ramo feminino da família, surgiu do desejo de Clara de Assis fazer-se religiosa dentro da espiritualidade de Francisco e companheiros, os quais já conhecia. Em 1215 foi fundada a Ordem das Damas Pobres, sendo Clara sua primeira a superiora. A ordem, conhecida comumente por ordem das clarissas caracterizou-se, e caracteriza-se até hoje, pelo estilo de vida contemplativa que as freiras levam em seus conventos. A ordem das clarissas teve um grande desenvolvimento no início como todas as outras, masculina e seculares.

Quanto à ordem dos leigos, ou terceira ordem franciscana, surgiu em 1221 por fundação do próprio S. Francisco, nela estando aqueles que são os leigos (solteiros ou casados). O nome original da ordem era Venerável Ordem Terceira da Penitência, mais tarde passando a ser chamada de Ordem Terceira Secular e, há poucos anos, de Ordem Franciscana Secular¹⁰.

Apenas dois anos após sua morte São Francisco de Assis foi canonizado, a 16 de julho 1228, isto é, distinguido pela Igreja como sendo exemplo a ser seguido pelos cristãos e reconhecido como intercessor junto a Deus, e capaz de obter de Deus milagres para aqueles que recorrem à sua proteção.

Daí em diante, com o crescimento da organização da ordem, ou seja, sua estruturação, somados ao exemplo dado pelos frades, freias e irmãos terceiros, a propagação de seus ideais espalha-se por toda a Europa. Em pouco mais de uma década os freis franciscanos já eram mais de 5.000 – bem como divididos em diversos modos de viverem como cada qual julgou que vivera “nosso Pai Francisco”.

Como ocorrerá para São Francisco e seus companheiros, surgem no mesmo período histórico os frades dominicanos e os frades carmelitas¹¹, entre outras tantas ordens religiosas, sendo que quase todas essas novas ordens trazem a marca de singularidades nas formas de organização da vida religiosa. Todas nasceram como ordens

mendicantes, isto é, abrindo mão de ganhos que a Igreja dava e permitia então às ordens, ou em outros termos: “por não possuírem nenhum benefício eclesiástico”¹². E todas, em graus diferentes, se afastaram da estrutura e organização monástica que lhes é anterior, estruturando-se e organizando-se de uma maneira nova. Deste modo, foram uma novidade na expressão da vida religiosa cristã, em contraste com a forma consolidada, principalmente, pelos monges beneditinos e monges agostinianos, que viviam, respectivamente, sob a Regra de São Bento e a Regra de S. Agostinho¹³. Mas como escreve Jean-Pie Lapiere: “Contemporâneas, as três famílias franciscana, dominicana e carmelita são também as últimas nascidas das famílias monásticas”¹⁴.

Chamo a atenção para que é nesse momento histórico que Louis Dumont (1985) situa a origem da mentalidade individualista moderna e a retração do modelo da sociedade tradicional. Em sua obra, Dumont explica este processo de mudança destacando o frei William Ockham, OFM, a obra que este escreveu e o que ele seus confrades mendicantes criaram de novidade de visão de mundo. Este processo, para Dumont, culminará com os reformadores protestantes Calvino e Martinho Lutero no processo da Reforma; e de Inácio de Loyola, SJ¹⁵, e Teresa de Ávila, OCD¹⁶, pelo processo da Contra-reforma, tudo isto dentro do cristianismo ocidental.

Mas retornando a Francisco de Assis e o franciscanismo nascente, diversas obras a seu respeito apontam que em sua Regra ele acentuou três normas para os seus companheiros, seguidores e futuros “filhos espirituais”: a pobreza, a fraternidade e a missão de evangelizar. Os freis franciscanos (observantes) e os franciscanos capuchinhos, com que mantive contato em minha pesquisa, destacaram sempre essas três normas como sendo os conceitos básicos do franciscanismo.

Segundo esses freis¹⁷, a noção de pobreza franciscana caracteriza-se por os frades não possuírem nada próprio e as respectivas ordens procurarem não ser instituições ricas. Objetivam com isto constituírem como aqueles que estarão com o povo, “que em sua maioria nada tem”. Já a noção de fraternidade franciscana seria o ideal de unidade interna da ordem de São Francisco, o qual não queria distinções entre seus irmãos. Segundo um dos frades entrevistados o franciscanismo era (é) diferente do espírito monástico anterior, dado que Francisco fez uma ordem na qual todos deveriam (devem) ser tratados como irmãos¹⁸. Nenhum frade seria (é) maior que outro. Conforme exemplificou meu interlocutor, o frade que fica responsável por qualquer dos níveis hierárquicos da Ordem, é apenas o “irmão-superior”, “guardião” ou outra nomenclatura qualquer que eles adotem, o que não o torna de modo algum diferente em essência dos demais freis.

De acordo com que me disse outro frei franciscano, o que bem os diferenciaria e ao franciscanismo dos monges e do monaquismo que lhes são anteriores¹⁹, é que estes últimos estão sob as ordens de um Abade (de *Abba* = pai) e vivem sob o espírito de obediência filial a um *pater* (pai). Desta forma, segundo a compreensão franciscana que ele exprimira, o monge que é feito abade torna-se diferente dos demais membros da comunidade pela investidura da função e do exercício abacial²⁰. Diferentemente, eles, os filhos de São Francisco, possuem o espírito de obediência fraternal, a um *frater* (irmão), que é um entre outros, sendo igual a todos os demais irmãos, apenas distinguido-se pelo exercício temporário de uma função necessária. Outro diferencial na forma da experiência da espiritualidade franciscana, é que os franciscanos têm no seu “guardião” ou “superior” aquele que, como me disseram, os “guia com espírito maternal”, isto em diferenciação “à antiga espiritualidade que seria paternal”, do monaquismo anterior.

Apesar do discurso franciscano sobre eles estarem fundados com uma fraternidade, viverem fraternalmente e serem guiados em “espírito maternal”, chamo a atenção para o fato de que a ordem nasceu, e permanece, tendo o cargo de superior-geral, que a centraliza e unifica. Enquanto que, ao contrário deles, nas ordens inspiradas no antigo monaquismo privilegiou-se, e continua-se a privilegiar, a centralidade e unidade no cargo de abade e no mosteiro, tendo em vista que os monges professam seus votos para um mosteiro (uma comunidade particular), viverem sob o jugo da Regra de São Bento e de seu Abade²¹, além do terceiro voto de conversão dos costumes. Isto torna cada mosteiro uma unidade autônoma frente a todos os demais mesmo que “irmãos”, uma vez que não se reporta à nenhuma pessoa e à nenhuma outra organização²².

O terceiro ponto que destacaram os freis franciscanos foi o da missão de evangelizar que implica em não só estarem prontos para irem onde quer que a Igreja e/ou as Ordens precisarem deles, mas também estarem sempre anunciando o Evangelho e acolhendo a todos.

DIVISÕES INTERNAS

As divergências internas na Ordem dos Frades Menores não demoraram muito a acontecer, como já indiquei. Grupos de freis concluíram, diferentemente uns dos outros, que São Francisco e sua Regra indicavam e privilegiavam esse ou

aquele aspecto da vida religiosa como central. E como já mencionado, a época foi de grandes modificações internas na Igreja e na Europa de maneira geral. Aos poucos foram surgindo e extinguindo-se grupos de franciscanos²³. A divisão da Ordem dos Frades Menores em três ramos masculinos, que perdura até os dias de hoje, consolida-se no início do século XVI, quando surgem os frades OFM Conventuais, os frades OFM da Observância, e os frades OFM Capuchinhos. Os primeiros a se separarem foram os conventuais. Segundo Gobry (1959: 88):

“Tornando-se cada vez mais profunda a separação e queixando-se os Observantes..., o Papa Leão X²⁴ tomou, em 1517, uma medida radical: deu aos Observantes o direito de elegerem, eles próprios, o ministro geral e de tomarem o nome de Frades Menores; quanto aos Conventuais, formaram uma corporação distinta... A bula *Ite et vos*, que consumava a ruptura e reconhecia a Observância como herdeira legítima da Ordem primitiva...”

Os frei capuchinhos e os frei observantes permaneciam no mesmo ramo, enquanto que os freis conventuais já eram um ramo à parte. De um movimento que prendia a renovação da ordem franciscana (OFM *latu sensu*), iniciada pelo frei Mateus de Bassi (que logo conseguiu seguidores), é que sobrevieram os freis capuchinhos. Tais freis pretendiam um retorno ao modelo de vida primitivo da ordem franciscana. Como esclarece Gobry (1959, 88):

“em três pontos especialmente: substituição dos grandes conventos urbanos por ermitérios, supressão dos estudos teológicos, transformação do hábito imposto por São Boaventura”.

Lembremos que isto é conforme o próprio entendimento destes freis que buscavam o aperfeiçoamento da família franciscana e um vivência mais intensa da espiritualidade de seu “Pai” fundador São Francisco.

Autorizado pelo Papa, em 1525, frei Mateus de Bassi passou à ação. Os freis capuchinhos alteraram o hábito dos Observantes e fizeram outras reformas que queriam²⁵. Ainda com Gobry (1959: 88):

“Maltratados pelos Observantes em razão de suas idéias separatistas, os Capuchinhos pediram ao Papa que os livrasse de tal jurisdição: Clemente VII, por meio da bula *Zelus religionis* (1528), atendeu ao pedido... No ano seguinte, adotaram constituições [próprias].”

Passaram a ser os freis capuchinhos enquanto os outros freis franciscanos menores ficaram sendo os freis observantes. A autonomia de fato da ordem capuchinha só se deu em 1619, quando eles mesmo passaram a eleger o seu superior-geral.

Por fim, vale a pena ser lembrado por mim, a fala de um frei capuchinho com quem conversei. Este me disse que há um hábito que foi usado por S. Francisco, o qual está guardado como relíquia na Basílica de Assis (Itália). Tal hábito, segundo ele, tem um tom meio para o marrom escuro acizentado, ou seja, a cor deles capuchinhos, assim sendo nada parecido com o hábito dos freis observantes - que é comumente reproduzido nas imagens feitas de S. Francisco e dos santos franciscanos. Quanto ao hábito que os freis conventuais usam este só difere do hábito dos observantes pela cor a qual é preta (podendo ser cinza no Brasil). Ou seja, cada qual criou seu modo de ser filho de “nosso Pai Francisco”

FRANCISCANISMO, A FORMA DE SEREM PARENTES

O franciscanismo é a noção tomada por mim como a experiência religiosa de leigos e religiosos ligada às idéias e valores reportados a São Francisco e aos primeiros frades franciscanos, mantendo esses ideais e valores como conceitos constitutivos²⁶. Concretiza-se através: das três ordens religiosas masculinas; da ordem das freiras clarissas; e da ordem dos seculares (leigos). Estando somados a eles as outras freiras e freis “de espiritualidade franciscana” pertencentes às ordens que foram surgindo ao longo dos séculos, bem como na atualidade, as quais, contudo, não foram fundados diretamente por São Francisco, como é frisado e lembrado pelas cinco ordens filhas legítimas²⁷. Esse conjunto de pessoas em sua diversidade particularizada da vivência, perpetua e divulga o carisma e a espiritualidade franciscana.

Aos franciscanos católicos, somam-se os frades franciscanos da Sociedade de São Francisco, pertencentes à Igreja Anglicana, bem como pessoas de outras confissões religiosas, que o tomam também como modelo de perfeição humana.

Deste modo, o franciscanismo sendo muito mais que as organizações sociais (ordens) que o constituem e mantêm, ou seja, as diversas ordens e pessoas envolvidas com os ideais de Francisco, pode ser compreendido como a uma ideologia no sentido que Dumont (1985: 10) dá a esse termo: “Dou o nome de ideologia a um sistema de idéias e valores que tem curso num dado meio social”.

Um símbolo que caracteriza vários dos membros da família franciscana e adeptos do franciscanismo de modo geral, é o Tau. Como, por exemplo, dizem os freis conventuais de Brasília em seu *site* (www.kolbe.org.br - 1999): “Toda a família franciscana nutre um grande carinho pelo TAU, fazendo dele seu distintivo e

seu programa de vida”; e sobre São Francisco dizem eles: “do sinal TAU fez o seu próprio distintivo”. Também os freis OFM Observantes em seu *site* (www.franciscanos.org.br/ 1999):

“A origem do Tau está no livro bíblico do Profeta Ezequiel... (Ez. 9.3-4). O Tau é a última letra do alfabeto hebraico - décima nona do alfabeto grego -, originariamente em forma de cruz, é lembrado por Ezequiel para marcar os justos que não compactuavam com a idolatria. Aqueles que usaram o símbolo na testa foram poupados do extermínio. São Francisco adotou esta letra como símbolo para lembrar o grande amor de Cristo por nós. Para ele, era o sinal de penitência e conversão interior; sinal de dor pelos pecados do mundo; recordação de nosso batismo como filhos de Deus; sinal dos sofredores e sinal de salvação”.

É também importante para todos os membros, porque São Francisco assinou com a letra tau um texto que escrevera para um dos seus mais caros confrades; esta carta ficou conhecida como: “A bênção de São Francisco a Frei Leão”²⁸.

Na época quando fiz o trabalho de campo observei que o tau é normalmente usado como crucifixo, e também encontrei-o, para ser vendido e usado, como broche de lapela. Além de tê-lo visto impresso em vários textos, cartazes, livros e *sites*. As três ordens masculinas e os seculares utilizam-se de modo diferente desta e de outras imagens e símbolos do universo icônico franciscano²⁹.

IDENTIDADE FRANCISCANA

Agora falando um pouco da questão de identidade dos franciscanos, os filhos e filhas, e das demais pessoas, os afilhados, que abraçam o franciscanismo, é importante lembrarmos que esta reflexão parte da antropologia, portanto a identidade a qual me refiro é a identidade cultural à qual só poderá ser compreendida quando levamos em conta a própria cultura e a relação direta que ambas categorias antropológicas mantêm entre si. Em outras palavras, a identidade dos filhos e afilhados de São Francisco é expressa pela forma religiosa que vivem nas situações ordinárias de suas vidas, eles são eles e o entorno em que vivem.

Então falar da identidade franciscana, temo esta como sendo composta num “jogo de espelhos”³⁰ de auto-imagem e das imagens feitas pelos outros. Assim temos a auto-imagem feita pelos que si consideram e são considerados de

dentro da ordem/família e portanto de de mesmo estatuto parental: têm e gozam da mesma legitimidade e hereditariedade. E temos a imagem feita, construída pelos diferentes outros, aqueles que são os “de fora”, tais como os “afilhados” que são aparentados dado procederem de fundação de algum dos filhos legítimos, e os totalmente outros, aqueles sem qualquer parentesco com eles que são os membros de outras famílias religiosas. Desta forma todos aqueles externos à realidade vivida pelos filhos “legítimos” de Francisco possuem, por esta condição mesma, estatuto diferente. Desta forma, relembro que antes da idéia da diferença em relação aos totalmente outros, é a noção de semelhança (de todos serem herdeiros) que lhes constitui a identidade. As diferenças internas entre os filhos; destes com os afilhados; e de todos em relação aos externos; estas por meio dos mais variados sinais diacríticos servem para lhes marcar as fronteiras, estabelecer os pertencimentos, e gerarem as relações de dádiva entre si e com os demais.

A primeira diferença interna, que assinalo, está na separação de gênero entre ordem masculina e feminina como visto acima. As duas ordens se auto-afirmam e reciprocamente reconhecem terem ambas sido fundadas por Francisco de Assis. Isso, mesmo no caso da ordem feminina que surgiu com Clara de Assis, pois essa, segundo as biografias de ambos os santos, recebeu a investidura religiosa pelas mãos de Francisco³¹.

A segunda diferenciação está entre aquelas que são de ordens religiosas e aqueles da ordem dos leigos. Nas primeiras a profissão dos votos religiosos, e às vezes as vestes e o *ethos* de religiosos³², servem como marca da diferença entre as ordens religiosas e leigas. Os seculares buscam sempre afirmar, tanto nas entrevistas como nos textos que escrevem, que foram também fundados por São Francisco que, na realidade, oficializou aquilo que já vinha ocorrendo, já que desde o início haviam pessoas leigas buscando viver a mesma espiritualidade criada por São Francisco. Destacam os seculares que eles não são subordinados hierarquicamente às ordens. O que me pareceu não ser um problema para os religiosos. Por parte dos seculares, a referência feita aos membros das três ordens masculinas foi apenas de: “os freis”, “os frades”, ou “os freis franciscanos”. Em nenhum momento da pesquisa constatei outra referência dos leigos para com os frades. Quanto aos frades, ao se referirem aos seculares, foi: “os seculares”, “os leigos da ordem”, ou “a juventude” ou “os jovens”³³.

A terceira diferença ainda familiar, sendo a que mais me chamou a atenção dado poder observá-la em campo, encontra-se na construção da identidade de

cada uma das três Ordens dos Frades Menores: observantes, conventuais e capuchinhos. Cada um dos ramos masculinos age de duas maneiras com relação à sua identidade própria e à dos demais: reciprocidade e contraposição.

Pela reciprocidade os três ramos masculinos estão de acordo que todos eles foram fundados diretamente por S. Francisco, sendo todos herdeiros legítimos de seu legado. Igualmente estão de acordo que tal filiação direta franciscana torna-os diferentes de todas as demais ordens religiosas masculinas que vivem do modo franciscano. A esses outros atribuem “viver na espiritualidade franciscana”, já que não foram fundados diretamente por S. Francisco.

Como é usual para outras ordens e congregações católicas, é comum por parte dos franciscanos a adoção de uma nomenclatura de parentesco, bem como pensarem em si mesmos como filhos diretos e legítimos de S. Francisco, e aos demais religiosos apenas como aparentados a eles.

Interessante que, em alguns casos, essas ordens com espiritualidade franciscana têm como fundador um frei pertencente a alguma das três ordens franciscanas. Como é o caso, por exemplo, dos freis franciscanos da Imaculada (F. F. I.) cuja a ordem foi fundada por um frei capuchinho, na década de setenta.

Os freis capuchinhos, os conventuais e os observantes são iguais na reforma que fizeram, ou seja, assumem que possuem os mesmos conceitos básicos do que é ser um franciscano. Na hora de transformarem tais conceitos básicos em *ethos* é que se diferenciam, pois operam de maneiras diversas. É aqui que se contrapõem e afirmam a particularidade de suas identidades próprias (“nós somos assim...”, “nós fazemos assim, eles não...”).

Os capuchinhos, por exemplo, afirmam que sempre se auto-referiram como capuchinhos, tomando para si o apelido dado pelas “crianças e o povo em geral, da época em que houve a separação”, continuando a se apresentarem assim onde quer que vão.

Esquemáticamente temos as auto-referências e referências aos outros co-irmãos masculinos desse jeito:

Quem chama	O. F. M. Capuchinho	O. F. M. Conventual ³⁴	O. F. M. Observantes	Outros grupos ³⁵
Como chama				
O. F. M.Capuchinho	Capuchinho	Capuchinho	Capuchinho	Capuchinho
O. F. M.Conventual	Conventual	Conventual	Conventual	Conventual
O. F. M.Observantes	Observante, da observância	##### ³⁶	Franciscano	Franciscano
Outros grupos	De espiritualidade franciscana	De espiritualidade franciscana	De espiritualidade franciscana	Chamam-se pelos próprios nomes

Uma coisa que ficou marcada a respeito da construção do pertencimento à família e sua saga, é o que me falou um dos franciscanos seculares entrevistados³⁷, que acham “uma bobagem os freis franciscanos terem brigado por causa de um hábito, de um capuz!”

O interessante é que normalmente o modelo de hábito que S. Francisco³⁸ usa nos ícones que o representa é o dos freis franciscanos (ou observantes), e não o das duas outras ordens. Como um informante meu disse: “parece que eles (franciscanos) produzem mais”.

Outro aspecto da estética e símbolos franciscanos que são reproduzidos, é a maneira característica das vestes de um religioso franciscano³⁹, ou do estereótipo⁴⁰ de um frei. Essa seria composta pelos seguintes itens⁴¹:

- a) O hábito da ordem, seja o cinza dos conventuais brasileiros ou o marrom dos observantes e capuchinhos (mesmo que tenham os dois últimos, o detalhe do capuz ser preso ou solto da gola do hábito é o seu diferencial);
- b) a sandália franciscana, de couro;
- c) o cordão que prende o hábito, cingindo a cintura⁴², e com os três nós feitos em uma das pontas deste, representando os votos religiosos que fizeram;
- d) o terço franciscano, também chamado de Rosário ou Coroa Franciscana, preso ao cordão do hábito, é composto de “sete dezenas de ‘Ave-Marias’, que se iniciam com o ‘Pai nosso’ e terminam com o ‘Glória ao Pai’, como no terço comum.”⁴³ (www.kolbe.org.br_ - 1999).

Outra maneira pela qual anotei a marcação da identidade dos filhos da família franciscana foi por meio de piadas, as quais colecionei ao longo do trabalho. Como é sabido a piada serve como enunciado das diferenças existentes entre pessoas e/ou grupos. Enunciado feito de forma jocosa que explicita a diferença mas encobre e, de certa forma, afasta o conflito que a permanência ou a exploração de tais diferenças pode acarretar entre grupos diversos.

FINALIZANDO

O arranjo da família franciscana e de seus “afilhados” de espiritualidade franciscana é, como em outros grupos humanos, algo tênue e muito mais matizado, posto que depende do estabelecimento das relações que mantêm entre si e com os outros grupos.

Aqui só pude apontar parte da vida que levam, baseado na maior parte pelo informe de freis franciscanos. As relações mais básicas que mantêm com sua ordem, a comunidade que servem e algo da relação que mantêm com seus co-irmãos.

A vida que os frei levam, de religiosos pertencentes a uma ordem específica, mostrou-se mais interligada e transpassada por diversos movimentos católicos, pelos grupos paroquiais, pelas ordens de irmãs (em sua maioria de espiritualidade franciscana), e toda uma série de outros contatos que estabelecem.

A vivência do estilo franciscano em sua diversidade pode ser explorado em estudos que contemplem não apenas outra linha teórico-metodológica da Antropologia, mas também outros enfoques que julgo serem tão pertinentes e que, dado aos limites próprios inerentes a uma revista científica, aqui não aprofundi o suficiente ou abordei. Creio que isto permitirá uma maior compreensão e esclarecimento de práticas e idéias que lhes são próprias e fazem com que se produzam e reproduzam como uma experiência específica religiosa.

Por fim, se o estilo de experiência religiosa dos filhos, filhas e afilhados de São Francisco de Assis por um lado remete a história de um grupo de homens ao longo de séculos, por outro permanece vivo por intermédio das práticas, da "memória" franciscana e da elaboração identitária feita pelos atuais membros. Afirmam sua 'catolicidade', isto é, pertencerem à Igreja Católica, e suas semelhanças com todos católicos, ao mesmo tempo que se diferenciam de todos aqueles pelo seu *ethos* específico. E, assim, a ordem permanece viva por responder às demandas religiosas de parte da sociedade e de seus membros.

NOTAS

- ¹ Antropólogo e pesquisador do Grupo de Pesquisa Cultura, Relações de Gênero e Memória. apontesfilho@yahoo.com.br
- ² Estarei trabalhando apenas no interno da Igreja Católica. A experiência religiosa franciscana encontra-se igualmente na Igreja Anglicana. Também há a experiência de certa "espiritualidade" franciscana mais abrangente e muito difusa espalhada em diferentes experiências religiosas, porém sem gerarem ou organizarem um pertencimento ou aproximação à uma religião específica ou mesmo remeter ao cristianismo.
- ³ Como por exemplo: as Paróquias São Francisco de Assis, nos municípios de Assis Chateaubriand – PR e Toledo - PR; e a Paróquia Santo Antônio, no município de Formosa do Oeste – PR;
- ⁴ A Ordem Cisterciense foi criada em 1098. Decorre da reforma surgida no interior do estilo de vida monástico dos monges beneditinos, o qual fora fundado por São Bento de Núrsia no início do século V dC. Seus membros são conhecidos como monges cistercienses.

- 5 Fundada em 15 de agosto de 1233, em Florença, na Itália, cujo membros são conhecidos como servitas.
- 6 Os dois primeiros monges cistercienses e os outros dois frades franciscanos. Ver mais detalhadamente em Bettencourt (1986).
- 7 Templo que se encontrava então abandonado, próximo à sua cidade natal.
- 8 O qual pontificou de 1198 a 1216.
- 9 Esclareço que conforme a tradição da Igreja as ordens religiosas de uma mesma família religiosa encontram-se assim distinguidas: as primeiras, são as ordens religiosas masculinas; as segundas, são as ordens religiosas femininas; e as terceiras, são as ordens seculares (ou dos leigos - mulheres e homens).
- 10 Com relação a fundação da ordem dos seculares, para maiores detalhes ver o capítulo XI (Joergensen: 1982: 251-259).
- 11 Respectivamente, Ordem dos Pregadores e Ordem Carmelita.
- 12 Jean-Pie Lapierre (in Regras dos Monges/..., 1993: 12).
- 13 Na atualidade a maioria dos membros destas famílias religiosas reúnem-se na Ordem de São Bento (OSB) e Ordem de Santo Agostinho, respectivamente. Assinalo que nelas há subdivisões internas as quais não esmiuçarei aqui.
- 14 Idem. A respeito das Regras agostiniana, beneditina, carmelita e franciscana, ver os comentários de Jean-Pie Lapierre, feitos na introdução e apresentação das mesmas, em Regra dos Monges/... (1993).
- 15 Fundador da Sociedade (Companhia) de Jesus, cujos membros são conhecidos por jesuítas.
- 16 Reformadora da Ordem Carmelita, com seu confrade João da Cruz, e que acaba criando a Ordem Carmelita Descalça.
- 17 É claro que cada frei teve um discurso diferente, ora mais detalhado num ponto, ora noutra, mas os três pontos foram frisados. A única diferença real, fica para o frei franciscano que chamou a atenção para um quarto ponto, que como disse: “Todos possuem o mesmo ideal de Francisco; ...obedecem ao papa; ...buscam viver o Evangelho na Igreja Católica”.
- 18 Nas ordens monásticas, em particular beneditinos e cartuxos os quais estudei, há a divisão hierárquica de postos e a nomenclatura correspondente. Assim há o abade, o prior, mestre-dos-noviços, ecônomo, porteiro, etc. Mais detalhes sobre cf. Pontes Filho (2002).
- 19 Distinção que implicitamente deixou como válida para aqueles que vivem e experimentam a vida monástica na atualidade.
- 20 À época de São Francisco e do surgimento das ordens medicantes, era prática o abade ou a abadessa de um mosteiro serem eleitos para a vida toda. Hoje em dia nem sempre o abade ou a abadessa são vitalícios e, nestes casos, os monges e monjas devem eleger os cabeças da comunidade de tempos em tempos. Cf. Pontes Filho (2002).

- ²¹ Vale a pena destacar que a Regra está acima de todos os monges, mesmo o abade, já que é por intermédio dela que o abade é constituído e à letra e espírito dela ele deve obediência como qualquer outro monge.
- ²² Idem.
- ²³ Ver em Gobry (1959) o capítulo “A descendência franciscana”.
- ²⁴ Que pontificou de 1513 a 1521.
- ²⁵ Por causa da mudança feita nos hábitos do qual tiraram o burel, costurando um pequeno capuz diretamente na toga, começaram a ser conhecidos como Capuchinhos.
- ²⁶ Ver sobre ideais e valores em Dumont (1985) e conceitos constitutivos em Swanson (1968).
- ²⁷ Mesmo quando o fundador(a) é um membro legítimo da família franciscana, seu pertencimento não é transmitido e herdado pelos novos freis e freiras.
- ²⁸ Frei Leão foi um dos primeiros a aderirem a Francisco e seu ideal de vida religiosa.
- ²⁹ Cf. Pontes Filho (2000).
- ³⁰ Tomo como base para minha reflexão o estudo que Novaes (1993) realizou.
- ³¹ À época da pesquisa que fiz não tive contato com nenhuma freira ou ex-freira pertencente a ordem das clarissas (O. S. C. I.), assim não tive maneira de saber como elas se auto-identificam e como julgam tal questão. Tomo aqui apenas as referências que são encontradas nos diversos livros que abordam o assunto, bem como nas diversas publicações da família franciscana (revistas, jornais e internet).
- ³² Como já é corrente em nossos dias, os freis das três ordens masculinas não usam mais os seus hábitos como sinal de seu status; bem como os leigos podem ter um conduta tão religiosa quanto quaisquer um dos frades. A diferença básica e fundamental entre ser religioso ou ser leigo recai sobre a profissão dos votos (públicos) religiosos emitidos pelos frades, os quais os leigos não o fazem.
- ³³ As duas últimas com relação aos membros da Juventude Franciscana/JUFRA.
- ³⁴ Esta nomenclatura encontrei sendo utilizada na Revista Cavaleiro da Imaculada dos freis conventuais de Brasília.
- ³⁵ Como, por exemplo, a Terceira Ordem Regular (TOR), a Fraternidade dos Franciscanos da Imaculada (FFI), os Franciscanos da Cruz Branca (FCB), entre outros. Atualmente é muito conhecida a Fraternidade Toca de Assis, fundada pelo Pe. Roberto e que já completou 11 anos de vida.
- ³⁶ Durante a pesquisa que fiz não encontrei nos exemplares da revista “Cavaleiro da Imaculada” que eu dispunha, menção alguma a esses seus co-irmãos.
- ³⁷ O que ouvi outras vezes ao longo do trabalho, sendo que com pequenas variações, de alguns outros informantes
- ³⁸ O que é válido igualmente para outros santos da família franciscana, como por exemplo, Santo Antônio de Lisboa (ou Pádua).
- ³⁹ Os leigos não possuem uma vestimenta particularizada. Quanto às irmãs das três congregações franciscanas que vi em campo não pude estabelecer uma característica única para todas.

- ⁴⁰ Tomo estereótipo como uma categoria social, que é atributiva não à pessoa em si, mas ao grupo que essa pertence. Ressalvo que os itens mencionados ainda são significativos para os freis franciscanos, mesmo que hoje em dia seu uso seja opcional.
- ⁴¹ Falo em “seria” dado que hoje já não há mais a obrigatoriedade do uso dos hábitos e demais apetrechos nas ordens religiosas.
- ⁴² Além do aspecto meramente funcional de prender o hábito ao corpo, remete à tradição hebraica do Antigo Testamento, que diz cingir os rins no sentido de purificação. Simbolismo repetido no Novo Testamento, no qual S. João Batista, chamado pela tradição cristã de o último dos profetas, retira-se para o deserto e sobre as peles que veste usa uma corda com a qual cinge seus rins.
- ⁴³ A diferença entre o terço franciscano e o comum dos católicos é que o segundo possui apenas cinco dezenas de ‘Aves-Maria’ e ‘Pai-Nossos’.

REFERÊNCIAS:

- ANCILLI, Ermanno. *Diccionario de espiritualidad*. Barcelona: Editorial Herder, 1987.
- BETTENCOURT, Estêvão. *Curso de história da Igreja*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1986.
- BROSSE, Olivier de la, et al.. *Diccionario del cristianismo*. Barcelona: Editorial Herder, 1986.
- Catecismo da Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Vozes/Paulinas/Loyola/Ave-Maria, 1993.
- Código de Direito Canônico* [notas e comentários Pe. Jesús S. Hortal, sj]. São Paulo: Loyola, 1983.
- DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- _____. *Homo hierarchicus - o sistema das castas e suas implicações*. São Paulo EDUSP, 1992.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- DUSSEL, Enrique. *História da Igreja no Brasil - tomo 2*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- _____. *História da Igreja no Brasil - tomo II/2*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos* – São Paulo: Perspectiva, 1987.
- GOBRY, Ivan. *São Francisco de Assis e o espírito franciscano*. Rio de Janeiro: Agir, 1959.
- HENRY, Antonin-Marie et al.. *Diccionario del Cristianismo*. Barcelona: Herder, 1986.
- HOORNAERT, Eduardo. *A igreja no Brasil-colônia*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- JOERGENSEN, Johannes. *São Francisco de Assis*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- LIMA, Alceu Amoroso. *São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Salamandra/Conjunto Universitário Cândido Mendes, 1983.
- NOVAES, Sylvia Cayuby. *Jogo de espelhos: imagens da representação de si através dos outros*. São Paulo: EDUSP, 1993.

PONTES FILHO, Antônio P.. *Para que em tudo Deus seja glorificado*. Florianópolis: PPGAS/UFSC, 2002 (Dissertação de mestrado).

_____. Símbolos e imagens franciscanas. *Omnes Urbes Todas As Aldeias Revista Virtual de Antropologia*. Florianópolis - SC, v. Ano 2, n. 2, 2000.

Regra dos monges /Pacômio... [et al.; introdução e comentários Jean-Pie Lapierre....]. São Paulo: Paulinas, 1993.

SWANSON, Guy E.. *A origem das religiões primitivas*. Rio de Janeiro [São Paulo]: Forense, 1968.

ZILLES, Urbano. *A significação dos símbolos cristãos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.